

Fat Power: Fotografia a Favor do Empoderamento da Mulher Gorda¹

Carine da SILVA²

Leandra COHEN³

Flavi Ferreira LISBOA FILHO⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com base na proposta da disciplina de Comunicação e Cultura em abarcar as minorias sociais e, através de uma mídia, desenvolver uma forma de dar-lhes visibilidade. O tema escolhido foi a gordofobia, sendo trabalhado especificamente com a minoria de mulheres gordas. Buscou-se, então, utilizar-se da fotografia digital para expressar as angústias, dúvidas e obstáculos enfrentados pelas mulheres gordas na sua busca pelo empoderamento e, além disso, conscientizar a sociedade sobre a gordofobia, uma opressão estrutural que não se limita ao ódio à própria imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher gorda; empoderamento; gordofobia; identidade.

1 INTRODUÇÃO

A gordofobia é uma opressão estrutural que limita a vida da pessoa gorda em diversos aspectos, desde transtornos em relação à própria imagem até problemas de mobilidade e acesso a serviços de saúde. A mulher gorda é a maior vítima da gordofobia, pois já traz o peso da pressão estética por viver em uma sociedade patriarcal. Devido a toda mulher sofrer com pressão estética, o transtorno com a própria imagem e o ódio e vergonha ao próprio corpo passam a ser as questões mais evidentes da gordofobia para a sociedade. Esse transtorno se dá de forma naturalizada devido à representação da mulher gorda na mídia, em geral oposta ao padrão de beleza estético representado pelo *status quo*, e pela reprodução continuada de conceitos gordofóbicos no dia-a-dia (ideias associando comida e desleixo à pessoa gorda, ou ainda, comentários de que é melhor estar doente do que ter um corpo gordo, entre outros). Segundo Naomi Wolf:

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade PT 03 Ensaio fotográfico artístico (conjunto).

² Aluno líder do grupo e estudante do 11º. Semestre do Curso de Produção Editorial, email: cacah.ms@gmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Produção Editorial, email: leandra.schirmer@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação, professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: flavilisboa@gmail.com

Durante a última década, as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. Enquanto isso, cresceram em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas. Nos últimos cinco anos, as despesas com o consumo duplicaram, a pornografia se tornou o gênero de maior expressão, à frente dos discos e filmes convencionais somados, e trinta e três mil mulheres americanas afirmaram a pesquisadores que preferiam perder de cinco a sete quilos a alcançar qualquer outro objetivo. (WOLF, 1992, p. 12)

Porém, a gordofobia, por ser uma opressão estrutural, não se limita apenas à imagem; ela se dá também na questão da acessibilidade, que exclui pessoas gordas dos espaços públicos por não lhes oferecer um espaço adequado, como em bancos e roletas de ônibus, portas pequenas, cadeiras frágeis, banheiros públicos, entre outros, limitações que representam vergonha e humilhação. Além disso, já que não se pode ocupar um espaço público sem estar vestido, a falta de vestimenta adequada é um fator que exclui essa minoria. Roupas de tamanhos superiores ao cinquenta dificilmente são comercializadas e atendentes de lojas várias vezes reproduzem comentários gordofóbicos, naturalizados na sociedade pela cultura dominante. Segundo Sebastião Vila Nova:

Um bom exemplo do alto grau de pressão que uma necessidade cultural pode exercer sobre os indivíduos está na necessidade de conformar o corpo aos padrões dominantes de beleza física em qualquer sociedade. Como sabemos, todas as sociedades possuem padrões culturalmente ideias de beleza física para mulheres e homens. (...) Durante muito tempo, as mulheres das categorias economicamente superiores no mundo ocidental usaram espartilhos com o fim de comprimir a cintura para conformar o corpo ao padrão ideal de beleza feminina dominante. Esse costume foi, seguramente, prejudicial à saúde. (VILA NOVA, 2004, p.55)

O acesso precário ao atendimento de saúde, que traz profissionais igualmente gordofóbicos também é um fator alarmante. Podemos encontrar diversos relatos na internet de pessoas gordas que sofreram com a negligência desses profissionais. Os gordos têm que lidar com profissionais que tratam suas doenças com desleixo e, muitas vezes, fazem piada da situação, como o médico de Salvador que receitou cadeados na boca e na geladeira para uma paciente que precisava emagrecer por motivos de saúde⁵

A falta de diagnósticos sérios, a associação do peso como motivo para todas as doenças, mesmo sem a comprovação de exames, e a falta de acessibilidade, como cadeiras e portas pequenas para os gordos, afastam essa minoria de procurar atendimento médico

⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/11/medico-e-afastado-apos-receitar-cadeado-para-mulher-emagrecer.html> > Acesso em: 17 abr 2016.

quando necessário. Uma matéria publicada no Portal Fórum⁶ reforça a ideia de que uma suposta preocupação com a saúde física de pessoas gordas evidencia a falta de sensibilidade com a saúde mental do indivíduo, que é alvo de críticas com potencial devastador. A gordofobia tem um caráter estigmatizador.

(...) um atributo que o torna (o estranho) diferente dos outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem (...) (GOFFMAN, 1988, p.12).

Outra questão que se tornou pauta da luta anti-gordofobia, por colocar em risco a dignidade da mulher gorda, é o acesso ao mercado de trabalho que, além de ser um meio machista, ainda é predominantemente gordofóbico. De acordo com entrevista publicada no portal G1⁷, sete em cada 10 empresários no Brasil não querem empregar gordos, principalmente porque muitos consideram que seria uma atitude ruim para a imagem da empresa. Apesar de isso ser extremamente gordofóbico e, portanto, prejudicial para a vivência da mulher gorda na sociedade, a cultura hegemônica continua estereotipando o gordo como alguém preguiçoso e muito distante de alcançar o sucesso, que não serve como um modelo para ser seguido e que necessita de correção.

(...) por meio de um diálogo incessante entre o que vêem e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência (particularmente as mulheres) são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso. Mesmo gozando de perfeita saúde, seu corpo não é perfeito e “deve ser corrigido” por numerosos rituais de autotransformação, sempre seguindo os conselhos das imagens-normas veiculadas pela mídia. (...) Elas constituem o estereótipo ideal da aparência física em uma cultura de massa ao banalizar a noção de metamorfose, de uma transformação corporal normal, de uma simples manutenção do corpo: “Mude seu corpo, mude sua vida” ou “Você pode ter um corpo perfeito” (MALYSSE, 2002, p.92).

Todos esses problemas graves têm como base a gordofobia diária reproduzida com extrema naturalidade em todos os espaços, dentro e fora de casa. Um dos primeiros passos para reduzir o pensamento gordofóbico da sociedade é conscientizar as pessoas sobre a beleza do corpo gordo, colaborando com a quebra dos padrões de beleza que tanto

⁶ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/03/19/a-saude-mental-das-pessoas-gordas/>> Acesso em: 06 abr 2016.

⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/01/sete-em-cada-dez-empresarios-no-brasil-nao-querem-empregar-gordos.html>>. Acesso em 06 abr 2016.

prejudicam as mulheres, mostrando a batalha vivida diariamente por essas pessoas para humanizá-las e dar-lhes visibilidade.

2 OBJETIVO

O principal objetivo do ensaio é mostrar, através da fotografia, a constante luta da mulher gorda como indivíduo político e detentora de todos os direitos previstos em nossa constituição. Essa luta é individual e coletiva e abrange questões como empoderamento, representatividade, ocupação de espaços públicos e o fim da negligência médica.

Através da fotografia artística e da utilização de técnicas específicas buscou-se atrair a atenção do público e confrontá-lo com a realidade dessa minoria que sofre com a falta de representatividade e, principalmente, com a desumanização dessas pessoas que são fetichizadas, objetificadas e marcadas por preconceitos diários, baseados em estereótipos reforçados pela mídia.

Como força coercitiva, o imprinting impõe as verdades e os modelos a serem seguidos inibindo dúvidas, questionamentos, outras compreensões de mundo e formas de organização; procura eliminar o que se apresenta diverso. Porém, por mais que a cultura se exerça com força sobre os sujeitos para que ajam no sentido da reproduzir o sistema cultural, é preciso lembrar que os sujeitos são forças e, portanto, atualizam-se em relações dialógico-recursivas. (BALDISSERA, 2009, p.55).

As mídias funcionam tanto como mantedoras de uma cultura como podem ser a ferramenta para modificá-las, como afirma Morin (1996, p.48): “os indivíduos produzem a sociedade, que produz os indivíduos”. Assim, o presente trabalho objetiva mostrar o olhar de mulheres que vivenciam a realidade diária desta minoria, garantindo um viés interno da luta, afastando possíveis estereótipos ou informações fantasiosas e assegurando lugares de fala e representatividade.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho foi desenvolvido a partir da proposta da disciplina de “Comunicação e Cultura” em utilizar-se de uma mídia (revista, livretos, audiovisual, fotografia, entre outros) para tratar de uma minoria social, desprendendo e desconstruindo ao máximo estereótipos e generalizações.

A escolha da fotografia se deu por se tratar de uma mídia que demanda criatividade e que, se bem utilizada, torna-se uma importante e eficiente ferramenta de luta que é capaz de chocar, impressionar e transmitir ideias.

Capaz de capturar o acaso, eternizar determinado instante, a fotografia representa uma visão simbólica da imagem original, a partir do olhar de quem produziu aquela imagem. Esses ‘poderes’ da fotografia seriam utilizados de maneira diferenciada, de acordo com o tipo de intenção daquela imagem visual ou, ainda, da comunicação em que ela se insere. (COUTINHO, 2011, p. 339)

A minoria social escolhida para ser explorada e retratada foi a das mulheres gordas, pois, sendo a autora e a coautora integrantes desse grupo social, achou-se pertinente retratar uma luta que, diferente de diversas outras, ainda engatinha em relação à visibilidade. Sendo o corpo gordo por si só símbolo de resistência, ganhou grande enfoque diante das lentes, de forma desnuda e livre.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir de prévio conhecimento em fotografia adquiridos em outras disciplinas do curso de Comunicação Social da UFSM e de conhecimentos particulares de uma das autoras, foi possível planejar e desenvolver fotografias que transmitissem o processo de empoderamento da mulher gorda, desde o início, onde há grande influência da sociedade, até o momento em que essa minoria começa a se empoderar e reaver seu valor.

A produção (cenário, roupas, objetos e acessórios) se deu de forma conjunta com as modelos para que nada incomodasse ou causasse desconforto às participantes. O cenário escolhido foi externo, no bosque da Universidade, entre as árvores, para que as modelos se sentissem mais a vontade na troca de roupas e houvesse o efeito desejado na fotografia. A descontração e a interação entre as participantes foram primordiais para se obter um ensaio fluído e natural.

O equipamento utilizado foi uma câmera Nikon D3100 com a lente fixa Nikkor 50mm. A escolha da lente se deu devido à abertura de seu diafragma que possibilita maior entrada de luz e conseqüentemente fotos mais claras, além da maior profundidade de campo que trouxe o efeito de desfoque desejado ao fundo, deixando os corpos em maior destaque. Na maioria das fotos utilizou-se o plano americano, já que o enfoque eram os corpos, e em algumas foi empregada também a regra dos terços, que consiste em dividir a fotografia em nove quadros com linhas imaginárias verticais e horizontais, posicionando o assunto principal nos pontos de cruzamento.

As configurações da câmera foram modificadas de acordo com os efeitos que se queria obter; horários e intensidades do sol foram os principais influenciadores dessas

modificações. Apesar disso, o ISO não passou de 400, tendo sido 100 em apenas duas das fotografias e a abertura do obturador se manteve em seu máximo de f/1.6.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O projeto se trata de 11 fotografias que em ordem representam o processo de empoderamento das mulheres gordas. Essa ordem se inicia trazendo signos que mostram a atuação da sociedade e a reprodução de opressões que levam as pessoas gordas a se odiarem e não se encaixarem socialmente; em seguida há a revolta desta minoria e a busca pelo seu lugar e empoderamento. Por fim, há, com cores vivas e sorrisos descontraídos, a descoberta de que amar a si mesmo é necessário e libertador.

Parte importante da descrição do produto é a resposta que obtivemos das participantes e do público em geral que conheceu o projeto através das redes sociais online. Uma declaração de uma das participantes após ver uma das fotos resume os objetivos e os resultados que o projeto obteve:



Imagem 1 – Declaração da participante do projeto
Fonte: Facebook

Os objetos representativos como fita métrica, balança, boneca, tesoura e revistas foram utilizados para auxiliar na transmissão das ideias que seriam passadas e, com isso, contextualizar, trazendo ao cenário um conjunto de significados, já que na nossa cultura estes signos remetem a questões como dietas, pessoas gordas, corpos “perfeitos” e autopolicimento estético. Algumas palavras escritas nos corpos das participantes também compuseram as fotografias e auxiliaram na transmissão da ideia.

Juntamente com a escolha do cenário e demais itens que compuseram as fotos, as cores foram um aspecto bastante observado para auxiliar na expressividade da fotografia. Por se tratar de um processo onde as mulheres passam por fases difíceis até alcançarem o empoderamento. Nas fotografias iniciais foi utilizada a escala de cinza e o abuso das sombras, enquanto nas finais há uma presença de cores vivas e fortes. O programa de edição de imagens foi utilizado apenas para manipulação das cores, não sendo feito nenhum tipo de alteração no corpo das modelos, já que isso iria contra os ideais do projeto.

A iluminação escolhida foi a natural, que foi controlada apenas pela câmera, sem utilização de nenhum outro equipamento. Essa escolha se deve a preferência por um resultado mais natural, espontâneo e nítido ao se tratar de um ambiente aberto, como explica Molleta (2009, p. 76), “a luz natural é um ótimo recurso para uma cena ou tomada, pois não há melhor luz que a do sol. Em ambientes abertos, a luz natural contribui para a nitidez das cores e da imagem”.

6 CONSIDERAÇÕES

A gordofobia é uma opressão estrutural, que engloba questões como representatividade, mobilidade, acessibilidade, patologização e negligência médica, ou seja, é algo sério que atinge uma minoria bastante invisibilizada. O presente trabalho é apenas um pequeno passo dentro da luta para o empoderamento das mulheres gordas, uma busca pelo fortalecimento dessa minoria através da representatividade, a qual é quase nula dentro da mídia hegemônica.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, nós, mulheres gordas, pudemos conversar sobre nossas pautas, refletir sobre nossa realidade, fazer considerações e, através de tudo isso, planejar e desenvolver um ensaio fotográfico que expusesse aspectos que só a vivência pode permitir. Não foi apenas um estudo de uma minoria, foi uma reflexão sobre nosso próprio lugar na sociedade.

A tentativa de trazer mais consciência e empatia para as pessoas trouxe bons resultados, mas o mais importante foram as pessoas gordas que se viram representadas e passaram a enxergar a si próprias de forma mais carinhosa.

A fotografia, assim como outras mídias, possui um poder transformador quando utilizada pelas minorias sociais. Representar a mulher gorda, os estigmas aos quais está submetida e o processo que leva ao amor pelo próprio corpo é redefinir valores de autoaceitação. É proporcionar a muitas a possibilidade de não mais se culparem por serem quem são, de se libertarem de estereótipos e de não mais aceitarem prejulgamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDISSERA, Rudimar. A comunicação no (re) tecer da cultura organizacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 10, p. 5262, 2009. Disponível em: <http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/viewFile/82/80>

COUTINHO, Iluska in DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 380 p.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H) alteres-ego; olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org). Nu e Vestido. **Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta de produção de baixo custo**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade** (4a ed.) Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GLOBO. **Sete em cada dez empresários no Brasil não querem empregar gordos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/01/sete-em-cada-dez-empresarios-no-brasil-nao-querem-empregar-gordos.html>>. Acesso em 06 abr 2016.

REVISTA FÓRUM. **A saúde mental das pessoas gordas**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/03/19/a-saude-mental-das-pessoas-gordas/>> Acesso em: 06 abr 2016.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2004.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.